



# CRISTOLOGIA

AULA 2



Prof. Robert Rautmann

### Encarnação

O tema desta aula é fundamental para o Cristianismo – a Encarnação do Verbo de Deus. Sem medo de errar, podemos afirmar que ele é central, sem o qual não é possível de se falar de fé cristã.

Podemos compreender, logo de início, o termo “Encarnação”, no sentido teológico, como Iammarone (2003, p. 232) apresenta como “o ingresso do Filho (Lógos, Verbo, Palavra) eterno de Deus na história humana mediante a assunção de uma realidade humana (Jesus de Nazaré, filho de Maria) como própria”.

O tema, por ser central e bastante abrangente, deverá ser objeto de nossos estudos ao longo de todo o curso. Por ora, iremos nos deter em entender o contexto no qual Jesus se encarnou, com quem Ele se relacionou, quais foram as suas prioridades, sua mensagem, quem eram os destinatários preferenciais de sua missão.

Ser cristão, ser cristã é identificar-se com Jesus Cristo e segui-lo. Essa premissa (óbvia, por sinal) deve ser conformada na identificação com as mesmas escolhas, sentimentos e preferências de Jesus Cristo. É conhecer e entrar no Mistério do Reino de Deus, centro da pregação de Jesus.

### TEMA 1 – JESUS E O SEU TEMPO

Jesus Cristo é, de fato, a personalidade mais estudada e sobre a qual mais se escreveu em todos os tempos. A sua importância na história e sua personalidade intensa é motivo de nos debruçarmos em compreender quem é esta pessoa. Nesta aula, apresentaremos algumas características, digamos assim, básicas sobre Jesus. É um percurso introdutório que, aos poucos, irá se aprofundando. E esse aprofundamento sobre a vida de Jesus poderá levar toda a vida de um(a) teólogo(a).

Uma afirmação fundamental, logo no início de nossas reflexões, é de que Jesus de Nazaré era judeu. A sua vida, sua missão, seu testemunho, seus discursos, suas parábolas, suas intenções, suas escolhas e mesmo sua paixão e morte estão inseridos na história do Povo de Israel, nas promessas a esse povo e, especialmente, nos textos do Antigo Testamento. Sua missão está,



portanto, voltada primeiramente para esse Povo. Péguy (citado por Daniel-Rops, 1991, p. 277) afirmou, ao falar de Jesus ao povo judeu, que “Ele era um judeu, um simples judeu, um judeu como vocês, um judeu entre vocês [...]”.

Outra afirmação fundamental e que tem graves conclusões é de que Jesus nunca foi sacerdote e nem se identificou com nenhum dos grupos judaicos de então. Sua posição foi a de mestre – assim era considerado pelos seus seguidores. Ele, ainda, estava relacionado à missão dos profetas – possuía uma autoridade própria. É comum lermos, nos textos evangélicos, a fórmula “Eu, porém, vos digo”. Sua vida não esteve atrelada ou vinculada aos poderes – religiosos ou políticos – de sua época. Esteve, ao contrário, ao lado dos marginalizados, pobres, excluídos daquela sociedade.

O que podemos dizer a respeito da sua ligação com o Judaísmo?

Bem, na carta aos Gálatas (4,4), Paulo afirma que Jesus nasceu sob a Lei. Foi circuncidado ao oitavo dia, como era prescrito na Lei (Gn 17,9-14; 21,4; Lv 12,3) – essa era uma condição para a pertença ao Povo de Israel, o Povo de Deus. Foi apresentado a Deus, no Templo, no período prescrito, após a purificação exigida à mãe. Para um menino, esse tempo seria de 40 dias (Lv 12,2b-8). A oferta que os pais de Jesus oferecem em sacrifício é, segundo o texto bíblico (Lc 2,24b), aquela dos mais pobres.

Em relação ao nome – Jesus – ele foi apostado por José, pois era costume judaico que fosse o pai a dar o nome ao seu filho. No caso particular de Jesus, existe uma intenção ainda maior. Ao dizer qual seria o nome da criança, José, declarava, também, de que ele seria seu filho legítimo e, portanto, afastava qualquer situação irregular na qual Maria poderia ter sido encaixada<sup>1</sup>.

O período formativo de Jesus, certamente, realizou-se junto à sua família. Era comum que a educação acontecesse na *Beth ha-Sefer* (que seria algo semelhante às séries iniciais de nosso ensino atual), que se localizava próximo (ou junto) às sinagogas locais. Nesse ambiente se aprendia a ler, escrever, bem como os rudimentos das Escrituras.

A família de Jesus, como todas as famílias judaicas à época, participava dos atos religiosos e das celebrações – nas sinagogas ou em casa – e das peregrinações. O episódio da “perda” do menino Jesus no Templo (Lc 2,41-50) ilustra este fato. Podemos pensar, pela idade de Jesus, que se tratava de seu

---

1 Em relação ao significado do nome “Jesus”, iremos discorrer na seção seguinte.




*Bar-Mitvah* (literalmente “filho da Lei”) – cerimônia no qual são admitidos à comunidade, por meio da leitura que fazem da Torá. Jesus, de forma extraordinária, colocou-se no meio dos estudiosos da Torá e se permitiu “ser lido”.

É consenso entre os pesquisadores de que Jesus teria aprendido o ofício de carpinteiro de seu pai. Assim, também, está consignado no texto bíblico: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria ...” (Mc 6,3). O termo grego utilizado é “*tehton*”. Por este termo, pode-se entender carpinteiro e, ainda, os que realizavam ofícios de projetista, de mestre de obras, de arquiteto, de pedreiro, de serralheiro, de construtor. A versatilidade da função correspondia às demandas daquela época e região. São do início da era cristã, as grandes obras encomendadas por Herodes Antipas, inclusive na cidade de Cesareia, bem como a construção das cidades de Séforis e Tiberíades, que são próximas a Nazaré.

Em relação à vida diária, pode-se dizer que a família de Jesus morava em uma pequena casa, em forma de cubo, com apenas um cômodo, cujo centro era ocupado pelo fogo sobre o qual eram cozidos os alimentos. Eventualmente teria uma cisterna para armazenar a água. Essa era a disposição comum das casas populares de então. A alimentação era frugal, baseada no uso de pães (alimento obrigatório) e peixes (especialmente nas regiões próximas aos lagos e rios). O cordeiro era servido em ocasiões especiais como na ceia da Páscoa, assim como o vinho, em várias celebrações e festas.

Jesus deveria falar corretamente o aramaico, língua corrente. No evangelho de Marcos temos alguns termos de origem aramaica que teriam sido utilizados por Jesus (Mc 5,41; 7,11.34; 9,43; 14,36; 15,34). O idioma hebraico era utilizado nas liturgias. Temos um registro claro de que Jesus se utilizou do hebraico na sinagoga, pelo evangelho de Lucas (4,16-30). A respeito do grego (utilizado de forma popular) e do latim (utilizado pelos funcionários do estado ou militares), não podemos precisar se Jesus os utilizou.

Por fim, qual seria a aparência física de Jesus. Muitos tentaram, por meio das artes ou, mais recentemente, de estudos mais aprimorados, obter um retrato de Jesus. Bem, o uso de barbas e cabelos longos poderia ser uma possibilidade, ainda que não o saibamos. O uso de cachos laterais (comuns ainda hoje entre os judeus ortodoxos) era uma ordem proveniente do livro de Levítico (19,27). O uso da barba era uma forma de distinção em relação aos romanos invasores



---

(que mantinham, comumente, o rosto barbeado) e, portanto, um sinal de resistência.

## TEMA 2 – TÍTULOS DE JESUS NO NOVO TESTAMENTO

Os textos evangélicos não se preocupam, como vimos, em narrar uma história biográfica de Jesus de Nazaré. Na verdade, eles são um testemunho vivo de uma comunidade de fé, da experiência que fizeram com aquele que se revelou o Filho de Deus e que, por sua vida, morte e ressurreição, trouxe salvação e revelou o Pai e o Seu reinado.

Mas como é que Jesus se autoidentificava? Como seus contemporâneos o perceberam? São vários os títulos que Ele recebe ou que Ele mesmo se nomeou. É preciso notar que nenhum dos títulos que iremos apresentar alcança totalmente a personalidade de Jesus. É no conjunto de sua Revelação que podemos conhecer quem é (quem foi) de fato Jesus Cristo.

### 2.1 Jesus

Começemos com aquele nome que Ele recebeu logo no início (cf. Mt 7,21; Lc 2,21) e pelo qual foi identificado ao longo de sua trajetória histórica.

Jesus era um nome relativamente comum, inclusive nos textos sagrados. Temos o autor do livro do Eclesiástico, que se autodenomina “Jesus ben Sirac” (ou Jesus, filho de Siraque). O próprio juiz de Israel, discípulo de Moisés – Josué – carregava uma outra forma desse mesmo nome, que em hebraico seria Yeshua. Quatro Sumos Sacerdotes do Templo, entre os anos 35 a.C. e 70 a.C. tiveram esse nome. O seu significado seria “lahweh salva” ou “lahweh nos salva”.

### 2.2 Cristo

A palavra grega “*christós*” é uma tradução do termo hebraico “*mashia*” – aramaico, “*meshiah*”. Todos significam: “ungido”, “Messias”. O termo permaneceu de tal forma ligado ao próprio nome de Jesus que, desde o início do cristianismo, referiam-se a Jesus como “Jesus, o Cristo” e, mesmo, “Jesus Cristo”.

O termo “Cristo” se refere à função messiânica desempenhada por Jesus, e foi compreendido, mais completamente, a partir de sua ressurreição. O termo “Messias”, em si, encontra-se apenas duas vezes nos textos neotestamentários



e, em ambos, seguido de uma explicação do evangelista (“que quer dizer o Cristo”) – Jo 1,41; 4,25. Em ambas as passagens, ainda, as pessoas que a pronunciavam estão na perspectiva do Messias (do Enviado) que deveria vir da parte de Deus.


Em relação ao termo “Cristo”, podemos encontrar em praticamente todos os livros do Novo Testamento. Vejamos, a seguir, como os evangelistas o utilizaram.

O evangelho de Marcos se inicia com um “título” – “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). Ao fim da sua primeira parte, durante o qual o segredo messiânico é preparado, temos a confissão de Pedro: “Tu és o Cristo” (8,29). Com a segunda parte, temos a configuração de Jesus com o Servo Sofredor de Isaías, desvelando a sua missão messiânica. Ao final do Evangelho, o Sumo Sacerdote questiona a messianidade de Jesus: “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” Resposta de Jesus: “Eu sou” (Mc 14,61-62).

Já para o evangelho de Mateus, Jesus é apresentado como Messias das palavras (Mt 5-7) e Messias das obras (Mt 8-9) em sua primeira parte. Logo no início do seu evangelho, inclusive, anuncia Jesus como filho de Davi e filho de Abraão (1,1-18), preanunciado a sua missão messiânica. No capítulo 16 temos a profissão de fé de Pedro em Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16).

Lucas acompanhou a tradição sinótica nos grandes acontecimentos, como o Batismo, a Confissão de Pedro, a Transfiguração. Logo no início de seu evangelho, o anjo, ao anunciar o nascimento de Jesus, revela que quem nascia era o “Cristo Senhor” (Lc 2,12). Simeão, em seguida, acredita ter visto o “Cristo do Senhor” (Lc 2,26). O início do ministério de Jesus, para Lucas, dá-se com a proclamação da palavra por parte de Jesus na sinagoga de Nazaré (4,16ss) e a confirmação de Jesus de ser, Ele mesmo, o cumprimento da palavra de Isaías acerca do Messias. Ao final do evangelho, a Paixão e Ressurreição de Jesus apontam-no como o Messias que deveria vir (Lc 24,25.44).

No penúltimo capítulo de seu evangelho, João revela a motivação para a escrita do mesmo: “[...] para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus [...]” (Jo 20,31). Ao longo do evangelho, os sinais, os encontros, as palavras estão direcionados para afirmação de Jesus como o Messias, o Cristo. A declaração de João Batista (1,29-36), as Bodas de Caná (2,1-11), a confissão diante da samaritana (4,26ss), a autoproclamação como Bom Pastor (10,11-14) à imagem



---

do Pastor messiânico de Ezequiel (cf. Ez 34), a entrada triunfal em Jerusalém (12,12-15), sua Paixão (18-19) reforçam a intenção joanina.

## 2.3 Senhor

O termo utilizado para se referir a “Senhor”, em grego clássico, era *Kyrios* sendo usado, muitas vezes, em relação aos deuses, mas poderia ser encontrado no mundo profano. No Antigo Testamento foi utilizado na Septuaginta para indicar Iahweh. Nos textos neotestamentários, temos 719 ocorrências, especialmente nos escritos paulinos. A sua aplicação certamente está referida a Jesus, mas também em sentido profano, quando se menciona um patrão, um dono de uma casa, um dono de uma herança etc. É utilizado também como genitivo, designando o “anjo do Senhor”, “a palavra do Senhor”, “o dia do Senhor” etc.

No Novo Testamento, a utilização do termo (com o significado apontado no parágrafo anterior) busca aplicar a Jesus Cristo o nome divino atribuído a Deus no Antigo Testamento e, dessa forma, vincular a Ele os atributos exclusivamente divinos.

## 2.4 Filho do Homem

Este é um dos títulos mais importantes relacionados a Jesus, inclusive o próprio Jesus o utiliza pelo menos 80 vezes ao longo dos evangelhos. O título, utilizado por Jesus, está ligado ao uso por parte do profeta Daniel (cap. 7), em sua relação de proximidade com Deus e em sua perspectiva apocalíptica. Para Jesus sua missão tem origem celeste, mas se cumpre, necessariamente, em nosso contexto próprio, por meio da Encarnação, do rebaixamento e da humilhação.

Como compreender esse título? Uma expressão que poderia traduzir mais concretamente o termo seria “homem universal”, dando conta que Jesus possui uma relação com cada homem e cada mulher de todos os tempos de forma única e original, tal qual nenhum outro ser humano, nem antes e nem depois, possuiu. Sua vida foi em favor da humanidade. Sua morte foi em resgate por todos. Elevado, permanece conosco e no juízo se identificará conosco também (cf. Mt 25,40).

## 2.5 Filho de Deus

Esse termo é utilizado raríssimas vezes por Jesus mesmo. Temos o registro no evangelho de João (Jo 3,18; 5,25; 10,36; 11,4). Os evangelhos sinóticos (mas também em outras passagens de João) colocam a afirmação da divindade de Jesus nos lábios dos discípulos (Mt 14,33; Jo 1,49), de Marta, irmã de Lázaro (Jo 11,27), de João Batista (Jo 1,34), dos judeus (Mt 27,40.43; Jo 19,7), dos pagãos (Mt 27,54; Mc 15,39), do anjo Gabriel (Lc 1,35), até dos demônios (Mt 8,29; Mc 3,11; Lc 4,41) e do próprio diabo (Mt 4,3.6; Lc 4,3.9). Não citaremos, porém, encontramos, também, o título nos Atos dos Apóstolos, nas cartas paulinas, carta aos Hebreus, cartas de João e Apocalipse – em todos esses textos sempre em uma perspectiva querigmática.

De princípio devemos dizer que Jesus, ao se identificar como Filho de Deus, relaciona a sua identidade ao próprio Deus. Não somente a Deus de forma genérica, mas a Deus como seu Pai.

Essa atitude filial, união com Deus designado pelo termo Pai, união de caráter de tal maneira único, que ela não coincide com nenhuma outra atitude humana em relação a Deus, permite compreender aquilo que Jesus diz, não a respeito de um filho de Deus, mas a respeito do Filho (Duquoc, 1977, p. 249).

Ao falarmos de Jesus como Filho de Deus, não estamos tratando, propriamente, de um título, mas, ao contrário, de sua própria identidade.

## 2.6 Lógos

Queremos nos concentrar no termo como título atribuído a Jesus e não à discussão do seu uso histórico ou teológico, nem mesmo em sua importante significância nos textos veterotestamentários.

O evangelho de João, em seu Prólogo, utiliza-se do termo, logo em seu primeiro versículo: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). O texto de João está em consonância com a compreensão da preexistência do Jesus depreendida de outros textos neotestamentários, como Fl 2,6s; Cl 1,15; Hb 1,2s etc.

Certamente será o v. 14 que trará a grande novidade (absurda para o judaísmo e para o helenismo) – “E o Verbo (*Lógos*) se fez carne”. Doutra forma: “E o *Lógos*, carne se fez”. Ou, ainda, literalmente: “Estendeu sua tenda entre nós”. Será essa chave interpretativa de todo o Evangelho de João – a





Encarnação do Verbo – ainda que o evangelista não utilize, fora do Prólogo, o termo “*Lógos*”.

Com o v. 17 e 18, João inaugura a novidade suprema do que está a dizer – o *Lógos* encarnado é o revelador único de Deus. Toda outra revelação possível, anterior ou posterior, deverá estar submetida e mediatizada por aquela realizada por Jesus Cristo.

### TEMA 3 – JESUS E O REINO DE DEUS

O que vem a ser a expressão “Reino de Deus”, utilizada, diversas vezes, por Jesus nos evangelhos (Mateus prefere o termo “Reino dos Céus”)?

No início do evangelho de Marcos temos: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,14).

O termo “Reino de Deus” aparece 68 vezes no Novo Testamento, sendo 54 vezes nos Evangelhos, praticamente todas elas no discurso de Jesus. O termo “Reino dos Céus” surge 31 vezes, sempre no Evangelho de Mateus, igualmente quase todas as vezes pronunciadas por Jesus. Qual a necessidade de apresentarmos esses números? Ao compararmos com a palavra “Igreja”, que aparece somente duas vezes nos Evangelhos (apenas em Mateus) e 51 vezes no restante do Novo Testamento, teremos um dado interessante de que a pregação de Jesus (e, portanto, a sua ação) concentrou-se no tema do Reino de Deus e, adicionalmente, a pregação apostólica voltou-se para o anúncio da pessoa de Jesus e, eventualmente, da Igreja.

O “Reino de Deus” foi, portanto, o centro de toda a atividade apostólica de Jesus Cristo. Não pensemos que a pregação de Jesus teria em vista uma moralidade ou um código de ética e, menos ainda, uma filosofia, um sistema de ideias. Sua pregação e seus sinais estavam voltados para revelar o Pai. A partir dessa manifestação de Deus, Jesus desejava que seus ouvintes pudessem agir da mesma forma como o Pai. O sentido desse termo está ligado às aspirações mais profundas do Povo de Israel. Era a boa-nova aguardada, a visita que Deus faria ao seu povo. Não podemos dizer que esse Reino está voltado somente para o interior das pessoas, como algumas correntes teológicas quiseram supor. Mas, ainda que comece no interior das pessoas que colocam sua fé em Jesus, o Reino de Deus vai se manifestando exteriormente quando o mal é vencido pela justiça de Deus.



### 3.1 O Reino de Deus nos evangelhos

Após ter sido batizado no Jordão, por João Batista, junto ao Jordão, Jesus foi para a região do lago da Galileia, mais precisamente para o povoado de Cafarnaum. Cafarnaum era um povoado típico da Galileia. A maioria de sua população era composta de pescadores, sendo que alguns possuíam seus próprios barcos, outros eram camponeses. Praticamente toda a sua população era de judeus.

Jesus, porém, não se fixou em Cafarnaum, mas percorreu as aldeias do entorno do lago, alguns povoados da Baixa Galileia, chegando, inclusive, às regiões vizinhas da Galileia como Tiro, Sidônia, Cesareia de Filipe e a Decápole. Não há indícios de que tenha entrado em Tiberíades (grande capital da região) e Séforis.

Foi o anúncio e envolvimento com o Reino de Deus que se tornou a causa principal da vida de Jesus e aquilo que o envolveu completamente. Ele não se preocupou em ensinar uma doutrina, um comportamento moral, mas queria dar esta boa notícia da instauração do reino de Deus. É importante, ainda, compreender que o Reino de Deus pregado por Jesus não se compreende como um domínio, aos moldes dos reis terrenos. É um reino no qual todos – crianças, pecadores, prostitutas, enfermos, anciãos – são convidados.

Diferentemente da literatura apocalíptica, bastante comum àquela época, que percebia a realidade como o reino do mal que está dominando todas as situações, Jesus anunciava um reino que destrói esse poder maligno e opressor e já está se realizando. Para Jesus o Reino de Deus não seria a vitória última de Israel que eliminaria os gentios, mas seria movido pela compaixão, em vistas daqueles que sofriam, uma libertação que se aproximava dos cativos e a vida plena a todos.

### 3.2 Como compreender o Reino de Deus

Como podemos compreender esse anúncio de Jesus do ponto de vista teológico? Bem, podemos perceber, pelos textos a respeito do Reino, que Jesus o situa em uma dupla compreensão: como evento futuro e, ao mesmo tempo, como uma realidade que já está presente. Essa tensão dialética gerou, ao longo da história da Igreja e da teologia, diversas formas de compreensão. Schnackenburg (1983) aponta algumas das possíveis interpretações dessa



tensão: Escatologia consequente, realizada, provisória, progressiva e dialética. Cada uma destas interpretações apresenta o acento ou na pregação de Jesus, ou em um evento futuro, ou em ambos. O teólogo Oscar Cullmann cunhou a expressão do Reino de Deus “já” e “ainda não”. Essa interpretação reconhece a tensão escatológica.

O tempo intermediário, ou tempo ‘penúltimo’ é verdadeiro tempo de salvação, mas não é, ainda, revelação plena da salvação; é tempo do ajuntamento dos eleitos, tempo de prova e de luta para os redimidos, tempo da Igreja e de sua atividade a serviço do reino de Deus futuro e perfeito. (Schnackenburg, 1983, p. 954)

A instauração do Reino de Deus trazida por Jesus, portanto, dá-se completamente, mas de forma continuada. E não é um fato isolado ou uma ação apenas, já veio, porém se dará. Há um nexo entre a realidade presente o que se dará no futuro, ambas as dimensões estão imbricadas.

## TEMA 4 – JESUS E OS ÚLTIMOS

Quem eram as pessoas que eram do convívio de Jesus? Com quem Ele procurou se relacionar?

Bem, já pudemos ver que Jesus não frequentou os círculos de poder ou da classe alta da época. Vejamos, então, de forma didática, quais eram os grupos frequentados por Jesus.

### 4.1 Os pobres

Quem são os pobres no tempo de Jesus? Viviam em uma miséria extrema. Em sua maioria não possuíam um teto, sobreviviam à custa de sobras de comida, ou ainda, cebolas, figos ou uva. Muitos eram mendigos que esmolavam junto aos caminhos, às portas das cidades. Havia, ainda, os escravos fugidos e camponeses que procuravam escapar de seus credores. Entre as mulheres nessa condição, havia viúvas, esposas estéreis que tinham sido repudiadas por seus maridos, prostitutas. Todos esses eram vítimas de situações abusivas e se encontravam despojados de tudo, sem possibilidades de defesa diante de seus opressores. Não havia quem os defendesse e, pior, a situação na qual se encontravam fazia deles invisíveis na sociedade, não provocando o interesse de ninguém.



Os marginalizados do império permaneceram ao lado de Jesus e compartilharam de sua presença. Seriam eles os primeiros e preferenciais ouvintes do anúncio do Reino. Jesus e seus discípulos possuíam uma vida itinerante, semelhante a esses “últimos”. Viviam junto de pessoas desprovidas que igualmente não tinham “onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). Sem um trabalho estável, sem um teto que lhe protegesse, andando descalço, Jesus ia atraindo outros a si, que compartilhariam dessa sua vida. Vivia da providência divina e da hospitalidade das pessoas. É junto a esses, a partir deles, que Jesus decidiu anunciar o Reino. É importante compreender que Jesus não se aproximou deles como um profeta fanático que desejava o apoio das massas, não era, tampouco, um agitador político desejoso de vitórias militares contra Roma. A proposta de Jesus não era, e é bom que se ressalte, uma luta contra os mais ricos. Sua existência ao lado dos últimos foi um gesto profético e real de que Deus não os abandonou:

Os autores enfatizaram a atitude de Jesus para com os últimos com expressões muito plásticas: “inédito interesse pelo perdido” (Dodd), “preferência pelos desumanizados” (Boff), “vida em más companhias” (Holl), “predileção pelo fraco” (Fraijó), “tendência para baixo” (Bloch). (Pagola, 2010, p. 224).

O olhar para os menos favorecidos é critério de salvação, de convite da parte de Deus de fazer parte do seu Reino. É assim que lemos no capítulo 25 de Mateus (trecho que faz parte do que se conhece como “Apocalipse de Mateus”, juntamente com o capítulo 24), o critério de separação dos homens: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, “Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 24,40.45).

## 4.2 Os impuros

Ao mencionarmos os “últimos” de Jesus estamos falando daqueles que se encontravam nos graus mais baixos da escala de impureza ritual e, porque se encontravam nessa situação, tinham dificuldades, senão impedimentos, de frequentar o Templo. Essa apartação trazia uma conclusão equivocada de que Deus mesmo os havia rejeitado. Sofriam uma marginalização social e religiosa, mas o sofrimento se agravava por se sentirem distanciados do próprio Deus!

Ao Deus, que exigia a santidade de seu povo (“[...] deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” – Mt 5,48), Jesus apresentou a sua virtude



complementar: a compaixão (“Sede misericordioso como o vosso Pai é misericordioso” – Lc 6,36). Essa atitude de Deus – compaixão – foi ensinada por Jesus nas parábolas (ver as três parábolas da misericórdia no capítulo 15 de Lucas), mas principalmente por sua atitude. Atitude que se revelou na acolhida, não recriminação, abraço, hospitalidade, inclusão.

### 4.3 Os pecadores

É importante conhecermos qual é essa categoria que atribuímos como “pecadores”. Não se trata daqueles que, por algum motivo, tornaram-se impuros ritualmente, como o grupo anterior. Ainda que os impuros fossem objetos de suspeita ou mesmo marginalizados por parte dos judeus mais rigorosos, não podemos considerar que eles fossem vistos, formalmente, como pecadores. Não era esse o caso. Aqui, nesse grupo, encontravam-se aqueles que rejeitavam abertamente a Aliança de Deus com seu Povo. Entre eles, encontravam-se os que profanavam os cultos, os colaboradores do poder opressor (o Império Romano), os usurários (que emprestavam a juros), os fraudadores, os que desprezavam a Lei, as prostitutas. E será junto a esse grupo que a companhia de Jesus causará grande escândalo.

Por diversas vezes, os Evangelhos nos apresentam Jesus junto aos pecadores e mais, sentado à mesa com eles (cf. Mt 9,10ss; Mc 2,15ss; Lc 19,7 etc.)! Esse era um traço distintivo de Jesus e que causou espanto e desorientação à população em geral, inclusive aos seus discípulos. Houve situações em que sua condição de profeta foi questionada justamente por estar junto aos pecadores (Lc 7,39). Como seria possível que ele fosse um homem de Deus e, ao mesmo tempo, aceitar pecadores como amigos? Compartilhar a mesa com esses? Esses questionamentos foram feitos diretamente a Jesus, ou aos seus discípulos ou permaneceram nos corações de quem com ele conviveu.

Outro grupo muitas vezes mencionado junto com o dos pecadores são os publicanos. Eles eram cobradores de impostos da população judaica. Eram extremamente malvistas pela população e sua condição equivalia a de ladrões.

A posição de Jesus à mesa com os pecadores e publicanos não era gesto descuidado ou sem sentido. Ao fazer a refeição com qualquer um, inclusive com os mais odiados, Jesus queria mostrar a face misericordiosa de Seu Pai.

Como temos sempre feito em nossos estudos, é fundamental, também neste item, recordar o contexto histórico e geográfico que Jesus viveu. As mulheres, à época de Jesus, em Israel, tinham uma posição semelhante àquelas das outras sociedades antigas, de outras regiões. As sociedades eram patriarcais e colocavam o homem em uma função privilegiada em relação às mulheres.

Os vários textos evangélicos confirmam que Jesus tinha várias mulheres em seu círculo de amizade ou como discípulas (ainda que, no texto bíblico, o termo não apareça no feminino). Vemos Maria Madalena, as irmãs de Lázaro – Marta e Maria –, Maria, mãe de Tiago e de José, a mãe dos filhos de Zebedeu, mulheres que o texto bíblico não menciona o nome (como a samaritana, a adúltera que queriam apedrejar, a hemorroíssa, a mulher siro-fenícia, as prostitutas, as mulheres que acompanharam a sua execução etc.). Sem dúvidas, devemos lembrar, antes de todas as outras, de Maria de Nazaré, a sua mãe.

Ao recordarmos certas passagens bíblicas nas quais Jesus encontra as mulheres, queremos ressaltar a atitude de Jesus que, retomando os princípios iniciais das Sagradas Escrituras, recupera a dignidade inicial desejada pelo Criador.

Vejam, por exemplo, o texto de Lc 7,36-50. Diante da atitude de censura velada por parte do anfitrião, em relação ao gesto da mulher, Jesus a acolhe e questiona Simão. Esse texto é paradigmático ao retratar a reação dos homens (publicanos, fariseus, gente comum) desprezando Jesus e a sua atitude e, ao contrário, a reação das mulheres que se espantam, se emocionam, agem com imensa gratidão, pelo fato de poderem estar junto a um profeta, um homem de Deus.

Outro texto interessante de Lucas é o encontro de Jesus com a viúva de Naim, às portas da cidade (Lc 7,11-17). A mulher, em questão, é uma viúva que pertencia, portanto, a um dos três grupos mais desafortunados citados pelo Antigo Testamento – o estrangeiro, o órfão e a viúva. Essa mulher representava uma situação extremamente desesperadora – estava desprovida daqueles que lhe poderiam sustentar – seu marido e, na ausência deste, seu filho. Não devemos esquecer ainda que, segundo as regras de pureza legal, tocar em um defunto faria com que aquela pessoa se tornasse ritualmente impura. É o caso



de Jesus. Ao olhar, parar e agir em favor de uma desfavorecida, Jesus reafirmava suas prioridades e as do Reino.

O evangelho de Mateus apresenta o encontro de Jesus com a mulher sírio-fenícia (Mt 15,21-28, paralelo em Mc 7,24-30), associando duas realidades socialmente feridas em Israel – a mulher e o estrangeiro. E, diante da insistência do pedido daquela mãe, Jesus exclama: “Ó mulher, grande é a tua fé!” (Mt 15,28a).

Não podemos nos esquecer que são as mulheres, no Evangelho, que permanecem ao lado de Jesus no momento de sua agonia na cruz e, ainda, são elas as primeiras testemunhas da ressurreição (Mc 16,1-8; Lc 24,10-11.23-24; Jo 20,11-18)!

Um papel especial é reservado à pessoa de Maria, mãe de Jesus. Seu relacionamento está vinculado em todos os âmbitos – natural, comunitário, eclesial, espiritual, tornando-se, portanto, copartícipe da obra salvífica de Jesus Cristo.

## NA PRÁTICA

Vimos, nesta aula, algumas das escolhas que Jesus de Nazaré fez em sua vida pública, especialmente as pessoas que desejou encontrar, se relacionar, estar ao lado.

Analise as opções pastorais de sua paróquia ou diocese ou de sua Igreja (caso não seja católico) e compare com aquelas que Jesus fez. Existem semelhanças? Quais as diferenças? Quais as preferências feitas, atualmente, pelas instituições cristãs?

## FINALIZANDO

Ao terminar esta aula, acredito que pudemos perceber que Jesus de Nazaré está plenamente inserido e identificado com o seu povo – o Povo de Israel. É dentro da história desse povo, que já possuía uma caminhada significativa de revelação de Deus e, entre percalços, procurava manter-se fiel àquilo que o Senhor lhes propunha, que Jesus Cristo anunciou o Reino.

Obviamente, sua linguagem, seus gestos, suas escolhas, seus exemplos estão impregnados dessa visão de mundo. E, para entender Jesus de Nazaré, é fundamental entendê-lo aí.



Além de compartilhar sua vida com seu povo, Jesus trouxe uma mensagem que procurava reorientar o Povo às questões fundamentais que, por diversos motivos, teriam sido colocadas à parte pelo Povo. A opção pelos marginalizados, pelos pobres, pelos fracos estava entre elas. E nesse aspecto, o anúncio de Jesus se dirigiu, especialmente, aos mais fragilizados da sociedade de então – as viúvas (as mulheres em geral), os órfãos, os doentes, os pobres, os pecadores.

Ele foi reconhecido, por muitos, como um profeta, também foi percebido e acolhido como o Messias (ainda que não correspondesse, exatamente, às expectativas de um Messias para muitos). Pedro reconheceu-o como O Filho de Deus. Alguns iriam dizer: “O Cristo”, ou ainda “rei dos judeus”. O próprio Jesus utilizou, de forma mais sistemática, o título “Filho do Homem”.

Cada título revela um aspecto da missão de Jesus Cristo, uma faceta de sua identidade. Cada um tem seu papel de desvelar, para nós, quem é Jesus Cristo.





## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 10 imp. São Paulo: Paulus, 2015.

DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

DUQUOC, C. **Cristologia**: ensaio dogmático. Vol 1: O Homem Jesus. São Paulo: Loyola, 1977.

IAMMARRONE, G. Encarnação. In: MANCUSO, V. (Coord. Ed.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: uma aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHNACKENBURG, R. Reino de Deus. In: BAUER, J. B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1983.